



Submetido em: 25/10/2024; Aceito em: 25/11/2024; Revisado em 10/12/2024; Publicado em: 14/02/2025

## Trabalho em Enfermagem na Pandemia de COVID-19 Working in Nursing During the COVID-19 Pandemic Trabajar en Enfermería Durante la Pandemia de COVID-19

Rhayssa Irley Pinheiro Pereira <https://orcid.org/0000-0001-7643-8269>  <sup>1</sup>

José Eduardo Ferreira Dantas <https://orcid.org/0000-0001-7429-2227>  <sup>2</sup>

Sóstenes Ericson Vicente da Silva <https://orcid.org/0000-0003-0905-1376>  <sup>3</sup>

**Resumo:** Durante a pandemia, os processos de trabalho em enfermagem foram alterados, assim como as relações de gênero inerentes à área profissional. O presente trabalho tem por objetivo discutir acerca das relações entre trabalho e sobrecarga do/no trabalho em enfermagem durante a pandemia de Covid-19. Trata-se de uma pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, através de grupos focais (GF) compostos por trabalhadoras em enfermagem de três hospitais de referência/campanha para o tratamento do Covid-19 em Alagoas. Os GF foram gravados e transcritos, sendo posteriormente analisados a partir dos dispositivos teóricos-metodológicos da Análise do Discurso de vertente Francesa, inaugurada por Michel Pêcheux. A análise evidenciou a precarização do trabalho das trabalhadoras em enfermagem, ao tempo que revelou o imaginário do cuidado, enquanto um dever da enfermeira-mulher.

**Palavras-chave:** Precarização do trabalho. Gênero. Enfermagem. Extensão. Saúde.

**Abstract:** During the pandemic, nursing work processes were changed, as were gender relations inherent to the professional area. The present work aims to discuss the relationship between work and work overload in nursing during the Covid-19 pandemic. This is field research, with a qualitative approach, through focus groups (FG) composed of nursing workers from three reference/campaign hospitals for the treatment of Covid-19 in Alagoas. The FGs were recorded and transcribed, and were subsequently analyzed using the theoretical-methodological devices of French Discourse Analysis, inaugurated by Michel Pêcheux. The analysis highlighted the precariousness of the work of nursing workers, while revealing the imaginary of care, as a duty of the female nurse.

**Keywords:** Precariousness of work. Gender. Nursing. Extension. Health.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas - Campus Arapiraca, Enfermeira. Pesquisadora em Saúde Coletiva.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Alagoas - Campus Arapiraca. Enfermeiro Generalista. Pesquisador do Trabalho em Enfermagem e da Saúde Coletiva.

<sup>3</sup> Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca. Enfermeiro. Doutor em Letras e Linguística/Análise do Discurso (PPGLL/UFAL); Pesquisador do Trabalho em Enfermagem e da Saúde Coletiva.

**Resumen:** Durante la pandemia, los procesos de trabajo de la enfermería cambiaron, así como las relaciones de género inherentes al área profesional. El presente trabajo tiene como objetivo discutir la relación entre trabajo y sobrecarga de trabajo en enfermería durante la pandemia de Covid-19. Se trata de una investigación de campo, con enfoque cualitativo, a través de grupos focales (GF) compuestos por trabajadores de enfermería de tres hospitales de referencia/campaña para el tratamiento de Covid-19 en Alagoas. Los GF fueron grabados y transcritos, y posteriormente analizados utilizando los dispositivos teórico-metodológicos del Análisis del Discurso francés, inaugurado por Michel Pêcheux. El análisis destacó la precariedad del trabajo de los trabajadores de enfermería, al tiempo que reveló el imaginario del cuidado, como deber de la enfermera.

**Palabras clave:** Precariedad del trabajo. Género. Enfermería. Extensión. Salud.

## INTRODUÇÃO

De acordo com Joan Scott (1989), gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, sendo compreendido também como uma maneira de significar as relações de poder existentes em uma organização social. Por consequência, nota-se a influência das noções de gênero nas diferentes camadas sociais, dentre elas, destaca-se o trabalho em Enfermagem e sua naturalização como um “trabalho feminino”.

Ao considerarmos o desenvolvimento histórico do campo profissional de Enfermagem, é possível notar a significativa influência do gênero nas relações de trabalho, assim como suas repercussões no modo como a Enfermagem é vista pelo conjunto da sociedade. De acordo com o Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2015), a Enfermagem brasileira é predominantemente feminina, uma vez que cerca de 84,6% da força de trabalho do referido campo são mulheres.

Desde a sua institucionalização, o trabalho em Enfermagem é caracterizado pela forte relação com o cuidado ligado à mulher, com o altruísmo, a caridade e a submissão à figura masculina. Ao tratar da Enfermagem moderna, destaca-se a figura de Florence Nightingale e sua concepção, que viria a moldar o imaginário social acerca do trabalho em Enfermagem, pois para Nightingale a enfermeira deveria possuir características que envolvessem delicadeza, honestidade, devoção e religiosidade (Nightingale, 2005). Magalhães (2021) destaca o papel da moralidade cristã e situa as ações de cuidado desempenhadas pela mulher numa condição de devoção, uma vez que, por muito tempo, o trabalho em Enfermagem foi associado às ações realizadas por instituições religiosas, nas quais as mulheres se destacavam pela abnegação, servidão e obediência.

Vale destacar também a significativa influência do binarismo nas noções de gênero, contribuindo para uma naturalização da visão biológica de que a feminilidade está ligada às

mulheres e a masculinidade, por sua vez, aos homens. Por consequência, a divisão de ofícios ainda reflete essa condição, existindo assim os “trabalhos masculinos e femininos”, que evidenciam também as relações poder e a hierarquia, estabelecidos por essa divisão sexual e técnica do trabalho. Na área da saúde, em especial na Enfermagem, Nutrição e Farmácia, nota-se o estereótipo de gênero, por se caracterizarem como profissões exercidas, predominantemente, por mulheres (Cunha; Sousa, 2017).

Entretanto, é possível observar que a divisão sexual e técnica do trabalho situa a mulher numa posição de desvantagem, pois, além de seu trabalho fora de casa, a ela também foram impostas as tarefas domésticas, a maternidade, o cuidado com parentes, dentre outras atividades causadoras de uma sobrecarga, tanto física quanto mental. Ainda que, com o passar dos anos, a visão de que as atividades domésticas eram exclusivamente de responsabilidade da mulher tenha passado por mudanças, isso não foi o bastante para que as mulheres deixassem de ser associadas ao ambiente doméstico, dificultando a ocupação de diferentes espaços na sociedade capitalista contemporânea (Domingos, 2021).

Desse modo, no contexto da pandemia de Covid-19, mesmo que algumas trabalhadoras tenham realizado atividades de modo remoto, as trabalhadoras em Enfermagem, por fazerem parte de um campo profissional considerado essencial durante a pandemia, continuaram com seus processos de trabalho. Assim, essas mulheres vivenciaram não apenas a pressão constante de viver em meio ao risco de contágio e/ou morte pelo vírus, juntamente com a rotina desgastante e precária do trabalho em enfermagem, que se agravou durante a Covid-19, mas também tinham de lidar com suas “obrigações” como mães, filhas, esposas e donas de casa (Duarte et al., 2023). Nesse sentido, o presente estudo tem por objetivo discutir acerca das relações entre trabalho e sobrecarga do/no trabalho em enfermagem durante a pandemia de Covid-19 no estado de Alagoas, a partir da Análise do Discurso Materialista.

A partir das ideias postuladas por Althusser, Pêcheux propõe que os indivíduos se tornam sujeitos a partir de sua interpelação por formações discursivas que irão representar, na linguagem, determinadas formações ideológicas. Sendo assim, a formação discursiva pode ser compreendida como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux, 1995, p. 160). Por sua vez, as condições históricas de produção se referem às circunstâncias da enunciação, tendo em vista que essas são fundamentais para a formulação e circulação do sentido.

Orlandi (2015, p. 13) indica que “na análise de discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”. Nessa perspectiva, a Análise do Discurso foge de uma análise literal/textual da enunciação, compreendendo que a interpretação está sujeita à influência das formações discursivas/ideológicas dos sujeitos e das condições de produção em presença.

## DESENVOLVIMENTO

### **Metodologia: Materiais e métodos**

O presente estudo vincula-se a uma pesquisa de campo, intitulada “Riscos e exigências do/no trabalho em Enfermagem no enfrentamento da pandemia de Covid-19 em Alagoas”, aprovada pelo CEP/UFAL pelo Parecer nº 4.525.156. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa, no qual foi utilizada a técnica de Grupo Focal (GF), que é baseada na criação de grupos de discussão que promovam a interação entre seus participantes, assim como a construção coletiva de conhecimentos e exposição de informações. Os componentes do GF recebem estímulos que buscam incentivar o debate, o compartilhamento de pontos de vista e interpretações (Souza et al., 2019).

Para este estudo foi realizado um GF por nível de escolaridade dos/as trabalhadores/as, sendo um deles composto por Técnicos/as em Enfermagem e outro por Enfermeiros/as. Para compor os GFs foram sorteados 15 trabalhadores/as de cada categoria profissional, que atuaram na linha de frente no combate ao Covi-19 e que expressaram desejo de participar da pesquisa. Participaram da pesquisa, trabalhadores/as de três instituições do estado de Alagoas: Hospital de Campanha Dr. Celso Tavares e Hospital da Mulher – Maceió; Hospital de Campanha Dr. José Fernandes e Unidade de Emergência Dr. Daniel Houly - Arapiraca e Hospital Regional Dr. Clodolfo Rodrigues de Melo – Santana do Ipanema.

Com o intuito de respeitar os princípios éticos de pesquisa e manter a discrição no que se refere à identidade dos/as participantes, utilizou-se a designação de cada categoria (E: Enfermeiro (a); TE: Técnico/a em enfermagem) e a ordem de apresentação durante o GF (Ex.: E1/TE1). Para que fosse realizada a organização de datas e horários de realização dos GFs, foi feito o contato via e-mail e/ou aplicativo de mensagem, a fim de obter uma maior quantidade de respostas em um menor espaço de tempo. Infelizmente, nesse momento, foram enfrentadas

dificuldades referentes à quantidade de aceites, além da dificuldade de alguns/as convidados/as em conciliar o momento escolhido para o GF com a rotina de trabalho.

Assim, o GF com técnicos/as em enfermagem contou com 05 participantes (TE1 a TE5) e foi realizado no dia 02 de Julho de 2022, enquanto o encontro com enfermeiros/as teve 07 participantes (E1 a E7) e ocorreu no dia 08 do mesmo mês e ano. Os encontros foram realizados de forma remota por meio dos aplicativos “Zoom” e “Microsoft Teams”. Os encontros duraram em média 2 horas, sendo conduzidos por uma pesquisadora da equipe e acompanhados por mais dois integrantes do grupo de pesquisa, que realizaram anotações pertinentes ao estudo em questão, além disso, os encontros foram gravados após a permissão dos componentes de ambos GFs.

Os roteiros dos GFs foram elaborados previamente, com perguntas voltadas para o processo de trabalho em enfermagem durante a pandemia de Covid-19 e as consequências geradas na saúde tanto física quanto mental dos/das trabalhadores/as. Inicialmente, foi realizada uma apresentação pessoal de cada participante e também dos/as pesquisadores/as presentes, sendo abordado sobre formação, atuação profissional, assim como experiências ao longo da pandemia, em seguida, foi instigada a interação entre os/as componentes dos GFs com questionamentos referentes ao processo de trabalho na instituição de campanha/referência para pacientes graves com Covid-19, sendo destacados aspectos relacionados à contratação, vínculo com a equipe multiprofissional, além das atribuições dos/as trabalhadores/as naquele período.

Foram abordadas também as dificuldades ligadas à atuação como enfermeiro/a ou técnico/a em Enfermagem no combate ao novo coronavírus, relacionando esse contexto com os fatores externos que tiveram influência no trabalho, a exemplo das necessidades da família, além da relação com outros/as profissionais que também atuaram durante a referida pandemia. Por fim, foram relatados também aspectos sobre a valorização do trabalho em Enfermagem, juntamente com questões referentes ao reconhecimento social e à dimensão pessoal.

Os dizeres dos GFs foram gravados e, em seguida, transcritos seguindo os critérios estabelecidos por Marcuschi, na sistematização de Manzini (2008), cabendo lembrar que o processo de transcrição se deu de Julho a Agosto de 2022. As transcrições foram revisadas por um integrante da equipe ciente das normas e com experiência na área de linguagem e discurso, sendo analisadas a partir dos dispositivos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de vertente francesa, inaugurada por Michel Pêcheux.

Pêcheux e Fuchs (1997) descrevem que a Análise do Discurso surge a partir da articulação entre três regiões do conhecimento científico, materialismo histórico, linguística e teoria do discurso, inaugurando uma nova forma de análise dos enunciados, questionando a linguística a partir do histórico e do político, tendo em vista que os sentidos não se fíndam na literalidade, mas possuem efeitos distintos a depender dos interlocutores. Para alcançar os objetivos da Análise do Discurso, Pêcheux elaborou dispositivos teóricos e de análise, aos quais a materialidade discursiva pode ser submetida, formulando conceitos, noções e categorias, a exemplo de interdiscurso, intradiscurso, implícitos e silenciamentos, que possibilitam a compreensão das condições de produção de um dado enunciado (Pêcheux; Fuchs, 1997).

## Resultados e Discussão

Juntos, os GFs tiveram um total de 12 participantes, cuja maioria foi composta por mulheres (75%), que eram enfermeiras (58,3%), enquanto 41,7% das componentes dos GFs eram técnicas em Enfermagem, razão pela qual manteremos a escrita com a flexão de gênero no feminino daqui em diante, quando em referência à pesquisa. Além disso, 56,3% trabalhavam em mais de um vínculo no período pandêmico, já 41,7% das participantes trabalharam em uma única instituição.

Para tratar das relações entre gênero, trabalho e sobrecarga, é essencial compreender que o trabalho tem papel central na relação entre os sujeitos e a natureza, tendo em conta que, pelo trabalho, os seres humanos transformam o natural e também a si mesmos. O trabalho é inerente à constituição humana, sendo responsável pela construção de bens materiais que são indispensáveis à reprodução humana (Gois, 2015). Entretanto, a ascensão e consolidação do sistema capitalista, impulsionado pela revolução industrial, permite a acumulação de capital, atrelada a fatores como a concentração de renda, principalmente para as camadas da alta burguesia, detentora dos meios de produção.

De acordo com Marx (2011), a divisão social do trabalho é um fenômeno natural dentro das sociedades e está relacionada à separação de funções/trabalhos segundo uma base fisiológica, como idade ou sexo, por exemplo, sem que haja a necessidade de que o produto, obtido a partir desses processos de trabalho, se transforme em mercadoria. Numa sociedade capitalista, a divisão do trabalho ganha novas nuances, passando a ser fundamentada na

divisão técnica que pormenoriza processos de trabalho, promovendo a especialização dos/as trabalhadores/as em determinadas funções, fato que acelera a produção e ocasiona o aumento da extração de mais-valia desses/as trabalhadores/as pela burguesia.

Nesse contexto, a divisão sexual do trabalho assume maior contorno, a qual estabelece funções para homens e mulheres segundo uma concepção biológica do sexo, não com uma justificativa fisiológica, mas a partir da naturalização de construções socioculturais. De acordo com Nascimento (2016, p. 340), “a divisão sexual do trabalho sustenta e estrutura as relações desiguais de gênero; essas desigualdades entre os sexos, geradas pela sociedade, são incorporadas pelo capital como mecanismo de elevação dos lucros e domínio ideológico e social”.

A análise conduzida por Leão, Souza e Riemann (2020), a partir de dados obtidos pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do ano de 2015, evidenciou que o salários das mulheres eram 15,8% inferiores em relação ao dos homens, apesar delas serem 4,5% mais produtivas que eles. Com isso, observa-se que o trabalho realizado por mulheres é mais explorado quando comparado ao dos homens, em virtude da sua alta produtividade e baixa remuneração. No entanto, a maior produtividade performada pelas mulheres não está, necessariamente, relacionada a uma condição natural, mas a uma necessidade de se provar capaz em um ambiente constituído majoritariamente por homens, que tentam, mesmo que subjetivamente, desqualificar o trabalho da mulher (Lima et al., 2014).

A partir dessa concepção, situamos a precarização do trabalho das mulheres no capitalismo contemporâneo. Para Souza (2021), a precarização do trabalho é um fenômeno multidimensional, cuja intensificação ocorreu recentemente, apesar de ser um elemento estrutural e inerente ao modo de produção capitalista. Tal intensificação ocorre como consequência das crises cíclicas do capitalismo (portanto, anteriores à crise estrutural do capital/anos 1970) que, por sua vez, ocorrem devido à insustentabilidade do modo de produção, contribuindo para o fortalecimento da exploração do/a trabalhador/a pela burguesia.

Franco, Druck e Seligmann-Silva (2010) realizam um ensaio teórico, a partir da abstração do conceito de precarização do trabalho e as suas dimensões, corroborando que há uma multidimensionalidade do referido fenômeno, ao apontarem como dimensões da precarização: 1) alterações nos “vínculos de trabalho e às relações contratuais”; 2) “organização e às condições de trabalho”; 3) a precarização da saúde do trabalhador; 4) “fragilização do reconhecimento, da valorização simbólica e do processo de construção das

identidades individual e coletiva”; 5) “afeta a natureza da representação e organização coletiva (sindical)” (Franco; Druck; Selligmann-Silva, 2010, p. 231-232).

Souza (2021) realizou um percurso analítico sobre a precarização do trabalho e o impacto da pandemia nesse fenômeno, apontando que houve a intensificação da precarização, que já era latente no período pré-pandemia de uma maneira multidimensional, tal qual é a própria precarização, culminando no fortalecimento da construção de identidades (individuais e coletivas) e na articulação do sujeitos em coletivos como, por exemplo, os/as trabalhadores/as uberizados/as e os/as trabalhadores/as em saúde. Tal condição repercute na produção, de certo modo forçada, de uma reação da classe trabalhadora contra a conjuntura em prol de melhores condições de trabalho.

Zoppi-Fontana e Ericson (2022) analisaram a realidade vivida pelos brasileiros trabalhadores em Enfermagem no período da pandemia a partir de recortes de reportagens e postagens feitas em ambiente virtual entre 2020 e 2021. A partir dos pressupostos da Análise do Discurso, os autores demonstraram que, no movimento de produção de sentidos, houve o fortalecimento do ideário religioso atrelado ao trabalho da enfermeira, negando-lhe a cientificidade na qual ela se fundamenta, bem como a intensificação da luta (de classes) pela valorização da categoria profissional. A própria designação dessas trabalhadoras no corpus analisado como “enfermeiros”, no masculino, apontou o apagamento da figura da mulher, embora o campo da Enfermagem seja composto, predominantemente, por mulheres desde a profissionalização.

Com base nesses pressupostos, o fenômeno da precarização pode ser observado nas sequências discursivas (SD) a seguir:

**SD1:** remuneração porque é baixa, então você se submete a ter outros vínculos pra poder suprir né – TE1.

**SD2:** porque eu trabalhava em dois vínculos /.../ e aí eu fiquei muito sobrecarregada – E7.

Já em um período anterior a pandemia, Araújo-dos-Santos et al. (2018) analisaram a precarização do trabalho de enfermeiras, técnicas e auxiliares de Enfermagem em 15 hospitais públicos, observando que o fenômeno da precarização afetava as trabalhadoras e a sua prática clínica, impedindo que elas oferecessem a assistência clínica aos usuários do Sistema Único



de Saúde de maneira plena. Também foram observados graus distintos de precarização, segundo o nível de formação e hierárquico, em meio ao processo de trabalho a ser realizado pela equipe de Enfermagem, sendo esse fenômeno reflexo da divisão técnica do trabalho em saúde. Araújo-dos-Santos et al. (2018) identificaram a multiplicidade de vínculos das trabalhadoras em Enfermagem como uma consequência das perdas salariais, aspecto reforçado durante a pandemia, conforme observado nos enunciados de TE1 e E7.

Por sua vez, o cuidado é um conceito polissemântico e multidimensional, utilizado no Brasil e em países de língua espanhola, podendo ser conceituado como “desvelo, solicitude, diligência, zelo, atenção e se concretiza no contexto da vida em sociedade” (Souza et al., 2005, p. 267). O cuidar/cuidado ou o “tomar conta” são utilizados no Brasil de maneira cotidiana, servindo para designar um gradiente de ações que Guimarães, Hirata e Sugita (2011, p. 154) exemplificam com o “cuidar da casa”, “cuidar das crianças” e “cuidar do marido”, apontando que tais ações tendem a ser exercidas por agentes subalternos e femininos, atrelados à submissão no país, a princípio por pessoas escravizadas e, posteriormente, por mulheres negras, pardas ou brancas, com predomínio das primeiras.

Desse modo, as ações de cuidado se relacionam com as questões de gênero devido a sua naturalização enquanto uma prática feminina, tendo em vista que, ao longo da história, a responsabilidade por cuidar ou “tomar conta” de membros da família foi incumbida a mulheres (Guimarães; Hirata; Sugita, 2011). A pandemia de Covid-19, vivenciada a partir de 2020, ocasionou a intensificação da demanda de cuidados a serem prestados por mulheres, o que repercutiu na sobrecarga do trabalho doméstico da mulher-mãe (Silva et al., 2020).

Nesse contexto, de naturalização do cuidado enquanto prática feminina no âmbito doméstico, campos profissionais como o de Enfermagem, que se estrutura como uma área profissional, cujo objeto da assistência é o cuidado (Sanna, 2007), passam a serem observado, no imaginário social, como essencialmente feminino, reforçando a feminização do campo profissional, como consequência da uma divisão sexual do trabalho, tendo por princípio a busca de “qualidades” que seriam, teoricamente, naturais entre sujeitos do sexo feminino, como a abnegação, o altruísmo e a empatia (Lopes; Leal, 2005).

Sendo assim, a Enfermagem contemporânea tenta romper com a ideia de que seus processos de trabalho são baseados no cuidado empírico ou religioso, firmando-se em conceitos construídos a partir da ciência e do método científico (Zoppi-Fontana; Ericson, 2022). Entretanto, a noção de cuidado associado ao gênero é um aspecto que está presente

desde o surgimento da Enfermagem moderna, podendo ser observado quando Florence Nightingale (1860) estabeleceu normas e condutas para as enfermeiras, abrangendo mais que a ação do cuidado, mas aspectos comportamentais da sociedade inglesa da Era Vitoriana, considerados como adequadas para uma mulher performar (Ericson, 2018).

Com base nesta compreensão, consideramos que a pandemia de Covid-19 foi responsável por intensificar a precarização do trabalho em Enfermagem, que já era latente num período anterior à declaração de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Para compreender as repercussões da Covid-19 nos processos de trabalho em Enfermagem e as questões de gênero que lhes são intrínsecas, passemos à análise da próxima SD:

**SD3:** é cuidar daquela pessoa no momento que ela tá precisando sem pestanejar /.../ o paciente não pode esperar /.../ você ir conversar com alguém ele precisa do cuidado naquele momento – TE1

O dizer de TE1 aponta a responsabilidade da trabalhadora em Enfermagem no cuidado ao paciente, afirmando que o cuidado deve ocorrer “sem pestanejar”, ou seja, de maneira imediata e sem dúvidas. Entretanto, durante a referida pandemia, a dinâmica de trabalho em Enfermagem foi alterada, tendo em conta também que as trabalhadoras assistiram inúmeras mortes (incluindo colegas de trabalho e familiares), tendo em vista a alta letalidade do Covid-19. Nesse sentido, a vivência de uma situação tão drástica alterou o seu processo de trabalho e produziu o medo, além de ter significativo impacto nas condições de saúde tanto física quanto mental das equipes multiprofissionais de saúde, em especial a equipe de Enfermagem (Ericson et al., 2021).

Ao referir ao “não pestanejar”, é possível compreender que mesmo em um contexto de risco para a própria vida, o entendimento do cuidado enquanto um dever se sobrepôs a qualquer temor, demonstrando assim a sublimação de necessidades individuais em prol do cuidado com o outro, desconsiderando que o medo é um fenômeno normal em um contexto de futuro incerto. A pesquisa de Silva et al. (2021) evidenciou o desenvolvimento de sofrimento psíquico por enfermeiras que atuaram no enfrentamento da pandemia de Covid-19, o que repercutiu, nos casos mais graves, no afastamento das trabalhadoras dos seus postos de trabalho.

É necessário lembrar que o campo profissional de Enfermagem é constituído no Brasil por uma divisão sociotécnica do trabalho desde o seu surgimento, havendo trabalhadoras de nível superior (enfermeiras), responsáveis pela organização e prescrição do cuidado e as trabalhadoras de nível médio (técnicas e auxiliares de Enfermagem) para executar o cuidado prescrito de maneira próxima ao paciente. As trabalhadoras de nível médio são o maior quantitativo de força de trabalho da enfermagem, sendo predominante o sexo feminino, com salários mais baixos, menos prestígio social quando comparadas às enfermeiras e sofrem uma maior exploração de sua força de trabalho, muitas vezes sendo as responsáveis pelo cuidado doméstico também (Zoppi-Fontana; Ericson, 2022). Nesse sentido, os processos de trabalho das técnicas em Enfermagem e a sua proximidade do paciente são distintos dos processos de trabalho da enfermeira. Todavia, apesar de ambas as categorias sofrerem a precarização do trabalho, a exploração pelo capital ocorre de maneira distinta, aspecto que excede os limites desse estudo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela mediação do discurso, foi possível demonstrar como o fenômeno da precarização do trabalho em saúde repercute na adesão de múltiplos vínculos empregatícios pelas trabalhadoras em Enfermagem. Além disso, o imaginário social do dever das mulheres trabalhadoras em Enfermagem na prestação do cuidado reforça o sentido de dever das mulheres, sem considerar as próprias necessidades em meio a uma situação complexa que foi a sua exposição ao Covid-19, com extensão para as suas famílias e em um contexto de mortes sem precedentes na contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO-DOS-SANTOS, T.; SILVA-SANTOS, H.; SILVA, M. N. da; COELHO, A. C. C.; PIRES, C. G. da S.; MELO, C. M. M. de. Precarização do trabalho de enfermeiras, técnicas e auxiliares de Enfermagem nos hospitais públicos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 52, p. e03411, 20 dez. 2018.

PESQUISA inédita traça perfil da enfermagem. COFEN, 06 maio. 2015. Disponível em: [\*\*Extensão em Debate:\*\* Revista da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Alagoas/UFAL - \(Maceió/AL\).](https://www.cofen.gov.br/pesquisa-inedita-traca-perfil-da-enfermagem/#:~:text=A%20equipe%20de%20enfermagem%20%C3%A9,presen%C3%A7a%20de%2015%25%20dos%20home ns. Acesso em: 30 abr. 2024.</a></p></div><div data-bbox=)

CUNHA, Y. F. F. C.; SOUSA, R. R. Gênero e Enfermagem: Um ensaio sobre a inserção do homem no exercício da enfermagem. *Revista de Administração Hospitalar e Inovação em Saúde*, v. 13, n. 3, p. 140-149, 10 ago. 2017. Disponível em: <https://revistas.face.ufmg.br/index.php/rahis/article/view/140-149>. Acesso em: 01 maio. 2024.

DA SILVA, J. R. C.; MACHADO BUENO, A. L.; MULLER, A. S.; SCHERER, J. de S. Adoecimento Mental: interfaces com o ambiente de trabalho durante a pandemia de Covid-19, sob a ótica dos profissionais de Enfermagem. *Revista Prâksis*, v. 1, p. 234–250, 20 dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/2574>. Acesso em: 09 abr. 2023.

DOMINGOS, S. C. A posição desvantajosa das mulheres negras na divisão sexual do trabalho e nos cuidados domésticos no âmbito familiar. *Revista Contraponto*, [S. l.], v. 8, n. 3, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contraponto/article/view/117669>. Acesso em: 5 maio 2024.

ERICSON, S. Divisão Sexual do Trabalho em Discurso: implicações para mulheres enfermeiras no Brasil. In: IX Colóquio Internacional Marx Engels. *Anais eletrônicos*. 2018. Disponível em: <https://anais9coloquiomarxengels.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/07/divisc3a3o-sexual-do-trabalho-em-discurso-implicac3a7c3b5es-para-mulheres-enfermeiras-no-brasil-sc3b3stenes-ericson-vicente-da-silva.pdf>. Acesso em: 5 maio 2024.

ERICSON, S.; SOUZA, D. de O.; PEREIRA, R. I. P.; OMENA, B. S. S. de; SILVA, D. P. da S. Efeitos de sentido do medo no trabalho em enfermagem face ao risco de morte por covid-19. *RELEM – Revista Eletrônica Mutações*, v. 14, p. 2–19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/10918>. Acesso em: 04 jul. 2023.

FRANCO, T.; DRUCK, G.; SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, v. 35, n. 122, p. 229–248, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/rbso/a/TsQsX3zBC8wDt99FryT9nnj/>. Acesso em: 30 set. 2023.

GOIS, J. C. da S. Os fundamentos do trabalho em Marx: considerações acerca do trabalho produtivo e do trabalho improdutivo. In: *Seminário Nacional de Serviço Social e Política Social*. 2015, Florianópolis. *Anais eletrônicos*, Florianópolis. Disponível em: [https://seminarioservicosocial2017.ufsc.br/files/2017/04/Eixo\\_1\\_250.pdf](https://seminarioservicosocial2017.ufsc.br/files/2017/04/Eixo_1_250.pdf). Acesso em: 29 abr. 2024.

GUIMARÃES, N. A.; HIRATA, H. S.; SUGITA, K. Cuidado e cuidadoras: o trabalho de care no Brasil, França e Japão. *Sociologia & Antropologia*, v. 1, n. 1, p. 151–180, jun. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/kwYwJSWSd38BRbd5fCBGYmw/>. Acesso em: 23 fev. 2023.

LEÃO, C.; SOUZA, G. Á.; RIEMANN, M. Análise da Discriminação como Causa de Diferenciação de Salários no Mercado de Trabalho do Brasil Segundo Gênero e Raça.

Economic Analysis of Review, v. 11, n. 3, p. 246–261, 2020. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/EALR/article/view/11503>. Acesso em: 24 fev. 2023.

LIMA, G. S.; NETO, A. C.; LIMA, M. S.; TANURE, B.; VERSIANI, F. O Teto de Vidro das Executivas Brasileiras. Revista PRETEXTO, v. 14, n. 4, p. 65–80, 2014. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/pretexto/article/view/1922>. Acesso em: 18 jul. 2023.

LOPES, M. J. M.; LEAL, S. M. C. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. Cadernos Pagu, n. 24, p. 105–125, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/W4mKrfz7znsdGBdJxMHsGPG/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2023.

MAGALHÃES, M. D. F. Estereótipos de gênero na enfermagem brasileira: história e perspectivas. 2021. 84f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/3c5355e4-e1ce-4e21-bfb8-34b26426813d>. Acesso em: 30 set. 2023.

MANZINI, E. J. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. In: Livre-docência. Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, FFC - UNESP, Brasil. Título: A entrevista na pesquisa em Educação e Educação Especial: uso e processo de análise, Ano de obtenção: 2008. Disponível em: [https://transcricoes.com.br/wp-content/uploads/2014/03/texto\\_orientacao\\_transcricao\\_entrevista.pdf](https://transcricoes.com.br/wp-content/uploads/2014/03/texto_orientacao_transcricao_entrevista.pdf). Acesso em: 30 set. 2022.

MARX, K. O capital. São Paulo: Boitempo, 2011.

NASCIMENTO, S. D. Precarização do Trabalho Feminino: a realidade das mulheres no mundo do trabalho. Temporalis, v. 14, n. 28, p. 39–56, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/6779>. Acesso em: 30 set. 2024.

NIGHTINGALE, F. Notes on nursing: What it is, and what it is not. New York: D. Appleton and Company, 1860. Disponível em: <https://digital.library.upenn.edu/women/nightingale/nursing/nursing.html#XIV>. Acesso em: 16 set. 2023.

ORLANDI, E. P. Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos. Campinas/SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio. Tradução: Eni Orlandi et al. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1997.

SANNA, M. C. Os processos de trabalho em Enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 2, p. 221–224, abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/tdR5hDyyjjGRqZ8ytgGqHsz/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 09 jul. 2023.

SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses*. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Disponível em: <https://egov.df.gov.br/wp-content/uploads/2019/08/G%C3%AAnero-%E2%80%93-uma-categoria-%C3%BAtil-de-an%C3%A1lise-hist%C3%B3rica.pdf>. Acesso em: 12 out. 2023.

SILVA, J. M. S.; CARDOSO, V. C.; ABREU, K. E.; SILVA, L. S. A Feminização do cuidado e a sobrecarga da mulher-mãe na pandemia. *Revista Feminismos*, v. 8, n. 3, p. 149–161, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/42114>. Acesso em: 12 ago. 2023.

SOUZA, D. de O. As dimensões da precarização do trabalho em face da pandemia de Covid-19. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 19, jan. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/7rJ6TkW8Cs88QkbNwHfdkxb>. Acesso em: 15 out. 2023.

SOUZA, M. K. B.; LIMA, Y. O. R.; PAZ, B. M. S.; COSTA, E. A.; CUNHA, A. B. O.; DOS SANTOS, R. Potencialidades da técnica de grupo focal para a pesquisa em vigilância sanitária e atenção primária à saúde. *Revista Pesquisa Qualitativa*, [S. l.], v. 7, n. 13, p. 57–71, 2019. DOI: 10.33361/RPQ.2019.v.7.n.13.169. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/169>. Acesso em: 4 maio. 2024.

SOUZA, M. de L. de; SARTOR, V. V. de B.; PADILHA, M. I. C. de S.; PRADO, M. L. do. O Cuidado em Enfermagem: uma aproximação teórica. *Texto & Contexto - Enfermagem*, v. 14, n. 2, p. 266–270, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/RPGd7WQhG6bbszqZZzjG4Rr/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 set. 2023.

ZOPPI-FONTANA, M.; ERICSON, S. Dos aplausos à luta de classes: mistificação e exploração do trabalho em discurso. In: *Teorias da Análise do Discurso: contribuições de Michel Pêcheux e de Teun van Dijk à Pesquisa Social*. Manaus: Eduá, 2022. p. 95–114. Disponível em: <https://www.pucrs.br/humanidades/wp-content/uploads/sites/30/2022/04/978-85-5467-173-0-Teoria-Analise-do-Discurso.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2023.